

Os clíticos pronominais em construções relativas restritivas no português escrito em Moçambique

Francisco Wache¹

RESUMO:

A partir da constatação de Gonçalves (1996), Mapasse (2005), César (2014) e Wache (2018), que refere que, no Português de Moçambique (PM), há tendência, em construções de relativização, para o alojamento de clítico pronominal na posição enclítica, procura-se, neste artigo, explorar os contextos da ocorrência da próclise e da ênclise em construções relativas restritivas (RR) no PM. Foi usado o corpus de Wache (2023), o qual é composto por 815 frases relativas, das quais 112 ocorrem com pronomes clíticos. A análise de dados quantitativos foi feita com auxílio de uma folha excel que continha variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas. Os resultados revelam que tanto em RR que ocorrem com um verbo como em aqueles que ocorrem com perífrase verbal, a próclise é predominante no PM, o que demonstra a conservação do Português Europeu (PE) culto, neste tipo de frases. A ênclise em RR no PM não é totalmente estranha ao PE, já que ocorre em contextos similares. Os dados em nossa posse indicam que não há evidências plausíveis que demostrem que a ênclise, em RR, tende a ser o padrão nesta variedade em formação.

PALAVRAS-CHAVE: Próclise e Ênclise; Orações Relativas Restritivas; PM.

Introdução

Os estudos de Gonçalves (1996), Mapasse (2005), César (2014) e Wache (2018) ilustram que, no PM, há tendência para o alojamento dos clíticos pronominais, em construções de relativização, na posição enclítica, o que, na prática, marca um distanciamento desta variedade em construção em relação ao PE, que, malgrado, continua a ser o padrão do Português em uso em Moçambique. Para sustentar esta posição, os autores usam exemplos como os que se seguem em (1):

(1)

a. Há pessoas *que*² opõem-se contra a religião. Gonçalves (1996, p. 317)

¹ Professor da Universidade Pungue, em Moçambique. Orcid Id: <https://orcid.org/0009-0009-5579-0613>. E-mail: framawache@gmail.com

² O itálico nos morfemas relativos é nosso.

b. ... de individualidade *que* opõem-se a este tipo de ... (T155 L11 1a RE M32), Mapasse (2005, p.70)

c. *onde* as assistências caracterizam-se durante dois dias. (Wache, 2018)

d. o feto *que* estima-se sejam realizados anualmente RI/UPN/335/46. César (2014, p. 64)

Os exemplos em (1) ilustram que o clítico se hospeda no verbo *opor-se* em (1a,b), no verbo *caracterizar* em (1c) e no verbo *estimar* em (1d). Em todas as construções em (1), antes do verbo, ocorrem morfemas *_Qu* (*que* (1a,b e c) e *onde* (1d)), que, por via de regra, possuem propriedades de desencadear a próclise, no PE. Refira-se que em estudos diacrônicos da língua portuguesa (cf. (Ribeiro, 1995, 2010), Martins (1994), Barbosa (2011)) a ênclise, em estruturas que possuem proclisadores, sempre foi atestada.

Assim, no presente artigo, procuraremos explorar os contextos da ocorrência da próclise e da ênclise em construções RR no PM, a afim de:

- (i) verificar se, de facto, a ênclise, em construções RR, configura-se como sendo a posição predominante no PM ao ponto de poder constituir o padrão neste tipo de construções;
- (ii) descrever os principais padrões de seleção e colocação de clíticos pronominais disponíveis no PM em construções RR.

Organizamos o presente artigo, para além desta introdução, da seguinte forma: temos os fundamentos teóricos relativos a construções relativas, nos quais procuramos discutir a noção de oração relativa e fazemos a distinção entre as RR, nosso objeto de estudo, e as orações relativas explicativas (RE). Nesta parte, tratamos igualmente da colocação dos clíticos pronominais. Depois, descrevemos como foi feito o estudo e, a seguir, fazemos a apresentação, análise e discussão dos dados. Por fim, temos a conclusão e as referências bibliográficas.

Alguns fundamentos teóricos

As construções relativas

As construções de relativização são designadas, na gramática luso-brasileira, adjetivas por se equipararem a adjetivos, como se depreende em (2).

(2)

a. Deste-me um carro *que é bonito*.

b. Deste-me um carro *bonito*.

Como se pode notar, a frase em itálico, em (2a), corresponde ao adjetivo qualificativo, também em itálico, em (2b). A propósito, Vilela (1999, p. 388) explica que estes tipos de construções são introduzidos por um pronome ou advérbio relativo. No entender de Brito e Duarte (2003), na sua modalidade mais típica, as relativas são formas de modificação de uma expressão nominal antecedente, mas podem ser igualmente uma forma de modificação de uma outra oração.

Construções relativas restritivas e relativas explicativas

As construções RR são aquelas que servem para discriminar uma parte de um todo. Numa frase como:

(3) [As meninas *que vi* OR] estão doentes

percebe-se que não são todas as meninas que estão doentes, mas apenas aquelas que foram vistas.

Contrariamente a estas construções, configuram-se as RE, como se ilustra em (4):

(4). O meu pai, [*que é um bom médico* OR], matou uma pessoa.

Na construção em (4), nota-se que a oração “*que é um bom médico*” é uma expressão parentética, a qual pode ser suprimida sem afetar semanticamente a oração matriz.

Brito e Duarte (2003, p. 668) explicam que o antecedente das orações RR é um NP determinado ou quantificado, cujo núcleo é um nome comum, ou seja, nas orações RR não podem ocorrer como antecedentes os nomes próprios ou pronomes pessoais.

No que se refere a orações RE, Brito e Duarte (2003) revelam que o antecedente de uma construção RE pode ser um N próprio, como em (5a) ou um pronome pessoal, (cf.5b).

(5)

a. Chimoio, *que é magnífica*, é capital de Manica.

b. Ele, *que é meu filho*, é boa pessoa.

Para as autoras, o antecedente da oração RE podem ser sintagmas nominais com pronomes possessivos, como em (6a), ou pronomes demonstrativos (6b).

(6)

- a. Os meus primos, *que* estão em Tambara, regressam esta semana.
- b. Aquela tua prima, *que* é comerciante, é muito atrevida.

Depois desta breve discussão sobre as diferenças entre estes dois tipos de construções relativas, passamos, em (1.2), a discutir os pronomes clíticos do Português.

Os clíticos pronominais

Os clíticos pronominais, em Português, pertencem a um grupo restrito de palavras que não possui acento próprio, daí que funcionam como ‘parasitas’, uma vez que sempre precisam de um hospedeiro.

No PE, os clíticos pronominais nunca ocupam a posição absoluta inicial. Esta forte restrição fica a dever-se à lei de Tobler-Mussafia, a qual governa o processo de colocação dos pronomes clíticos do Português. Benincà (1995) formula esta restrição da seguinte forma:

(7)

- a. * # clitic-verb
- b. # (X Y) Verb-clitic

Nas palavras de Ribeiro (2010), a restrição em (7a) estabelece, para algumas línguas como o PE, a interdição de clíticos na posição inicial absoluta da frase, (cf.8a). Já a restrição em (7b) indica que a possibilidade de colocação enclítica de pronomes é condicionada ao tipo de constituinte que antecede o verbo (cf. 8 b, c)

(8)

- a. **Me* fala, em que cidade vives.
- b. Não *te* digo nada sobre a minha vida particular.
- c. Informaram-*me* que reprovaste de classe.

Em termos de projeção de CP, Ribeiro (2010, p. 22) revela que “as análises sobre colocação de clítico que assumem uma projeção de CP singular procuram derivar a ênclise em

sentenças raízes como resultante do movimento do verbo flexionado para o núcleo C, o pronome clítico permanecendo no núcleo I de IP”, como se ilustra em (9)³:

(9)

- a. XP_{tópico} [CP [C entregou] [IP lhe tv o livro ...]]
- b. XP_{tópico} [CP YP_{foco} [C lhe+entregou] [IP t_{CL}+v o livro...]]

Na sequência, a autora explica que as diferenças entre (9a) e (9b) residem na forma de realização do Spec/CP: “vazio no caso da ênclise; preenchido por um constituinte com leitura de foco, no caso da próclise.” Ribeiro (2010, p. 22)

Nas estruturas em (9), compreende-se que, em princípio, os tópicos externos a CP não interferem na realização da ênclise ou da próclise, facto que elucida que a próclise é a realização esperada em construções de subordinação:

(10). ... disse [CP [C *que*] [IP lhe entregou o livro ...]]

O núcleo C já está realizado pelo complementador *que*, não permitindo, assim, o movimento do verbo para esta posição. Medeiros (2018, p. 61), socorrendo-se em Ribeiro (1995), refere que, em termos estruturais, “nas orações matrizes com o fronteamto de objetos e outros constituintes não sujeito, o verbo se move para C e o movimento é acompanhado pelo deslocamento desses constituintes para [Spec, CP]”.

Barbosa (2011, p. 55) explica que

os pronomes clíticos da família linguística românica podem preceder ou seguir o verbo ocupando, respectivamente, uma posição proclítica ou enclítica. Segundo os critérios que determinam essa posição podemos distinguir dois tipos de sistemas de línguas: a) aqueles em que a posição dos clíticos pronominais varia em função das propriedades da flexão verbal; b) aqueles em que a posição dos clíticos pronominais é condicionada por factores contextuais, i.e., não depende exclusivamente das propriedades da flexão verbal. No primeiro caso situam-se o espanhol, o italiano, o catalão e o francês, em que a distribuição enclítica ou proclítica dos clíticos pronominais depende da forma verbal. Se a forma verbal é finita, os clíticos pronominais ocupam a posição proclítica ao verbo (11). Nas construções com formas verbais não finitas, a posição do clítico varia com a língua: em espanhol/italiano/catalão, a ênclise ocorre com as formas verbais do infinitivo, gerúndio e imperativo afirmativo (veja-se os exemplos do espanhol em (12)). Em francês, pelo contrário, os clíticos colocam-se procliticamente ao infinitivo (cf. 13a) e ao gerúndio (cf. 13b); a ênclise observa-se só com as formas afirmativas do imperativo (cf. 13c).

³ Os exemplos em (9) e (10) são de Ribeiro (1995).

(11)

- a. Maria la compró. [Espanhol⁴]
- b. Martine le lit. [Francês]
- c. Martina lo legge.

(12)

- a. No pensarás compartelo. [Espanhol]
- b. Termine dandoselo a ella.
- c. Cómpralo .

(13)

- a. Martine veut lui parler. [Francês]
- b. En le lisant, il fut facile de décider.
- c. Lis-le !

No segundo caso, situa-se o PE, uma língua que exhibe a alternância entre os dois padrões (enclítico (cf.14a) e proclítico (cf.14b)).

(14)

- a. O Wanga entregou-*me* um livro. (ênclise)
- b. A Tsakany não *me* deu as flores. (próclise)

A ênclise, em Português, é o principal padrão de colocação de clíticos pronominais. Martins (1994), (2013) entende que em frases afirmativas, as quais podem ser declarativas, imperativas, exclamativas ou interrogativas globais quer em frases com um verbo quer em perífrase verbal, ocorre a ênclise, como se nota em (15).

(15)

- a. As aventuras humilharam-*no*, estava farto. [declarativa]⁵
- b. E tu despacha-*te*, criadita. [imperativa]
- c. Você saiu-*me* um belo vigarista! [exclamativa]
- d. Sentes-*te* bem? [interrogativa]

A próclise só é possível em condições em que ocorrem (i). os advérbios de negação (cf. 16a); (ii). as orações afirmativas que são introduzidas por quantificadores (cf.16b); (iii). advérbios focalizadores exclusivos (*apenas, só, somente, logo, antes*) e inclusivos (também,

⁴ Os exemplos desta parte do trabalho são de Barbosa (2011) e a numeração é nossa.

⁵ Os exemplos são de Martins (2013)

até, mesmo), aspectuais (*já, ainda, quase, mal*) e os de modalidade (*talvez*) (cf.16c); (iv). advérbios enfatizadores (*bem, lá, até, logo, sempre, já*), quando bem não tem o valor de modo, até e já não se comportam como focalizadores, logo e sempre se apresentam sem o conteúdo temporal e lá aparece esvaziada do conteúdo temporal, (cf.16d); (v). advérbios focalizados (*rapidamente, depois, agora, ultimamente, certamente, decerto, assim⁶, melhor, pior, cedo*) (cf.16e); (vi). orações introduzidas pelos pronomes e advérbios interrogativos que, quem, onde, como, quando, porque e quando e em orações exclamativas introduzidas pelos morfemas que, quem, como, quanto (cf.16f); (vii). orações imperativas introduzidas pelo morfema que e também em orações optativas, ainda que a conjunção que esteja omitida) (cf.16g); (viii). as orações subordinadas finitas (cf.16h).

(16)

- a. Nada *me* preocupa nesta vida.
- b. Alguém *me* disse que és malandro.
- c. Apenas *te* disse que não gosto de ti.
- d. Já a conversa *te* desagrada, não é?
- e. Rapidamente o João *te* perguntou do sucedido.
- f. Quem *te* disse isso?
- g. Que Deus *te* valha!
- h. Os meninos que *te* mencionaram no referido processo não estão aqui.

Repare-se, por fim, que as orações infinitivas simples introduzidas por preposição, admitem quer a colocação enclítica, quer a colocação proclítica. Fogem a esta regra as construções com as preposições *a* e *com*, que sempre admitem a ênclise.

Em perífrase verbal, o pronome clítico ocorre na posição proclítica, se na frase houver um proclisador. Caso não haja, o pronome clítico pode ocorrer na posição enclítica, em qualquer um dos verbos que compõem o complexo verbal, como em (16).

(17)

- a. Não posso entrar? Devo poder ir dar-*lhe* um beijo, pelo menos.
- b. Não posso entrar? Devo poder ir-*lhe* dar um beijo, pelo menos.
- c. Não posso entrar? Devo poder-*lhe* ir dar um beijo, pelo menos.

⁶ O advérbio de modo *assim*, que introduz próclise, deve distinguir-se do advérbio conectivo (conclusivo) interpretado de como *por isso, portanto*.

d. Não posso entrar? Devo-*lhe* poder ir dar um beijo, pelo menos.
Passamos, em (2.0), a explicar como foi feito o presente estudo.

Descrição e estrutura do corpus

O objetivo deste artigo, como se disse, é explorar os contextos da ocorrência da próclise e da ênclise em construções RR no PM. O corpus é constituído por 81 000 palavras, organizado por Wache (2023)⁷. Nesse trabalho, o autor refere que cerca de 31 000 palavras foram recolhidas em 2002–2003, em alunos do 1.º ano da Universidade, e cerca de 27 000 palavras foram produzidas por informantes do 3.º ano e estão disponíveis na cátedra do Português de Moçambique. As restantes palavras foram produzidas por 60 estudantes do 1.º ano da Universidade Púnguè (17 000), alunos da 8.ª classe (1 848) e alunos da 12.ª classe (4 152). Autor refere ainda que esse corpus gerou 815 orações relativas restritivas, envolvendo os morfemas *que, onde, quem, cujo*. É a partir desse corpus que foram extraídas 112 orações RR que ocorrem com clíticos pronominais, os quais são objeto de estudo neste artigo.

Quanto à idade, os informantes tinham entre 14 e 70 anos e comportavam 4 faixas. A faixa 1 corresponde a informantes com idades compreendidas entre 14 e 20 anos; a faixa 2, a indivíduos com idades entre 21 e 30 anos; a faixa 3 inclui informantes entre 31 e 50 anos e a faixa 4, entre 51 e 70 anos

No que se refere à variável escolaridade, foram contemplados quatro níveis: nível A, de alunos da 8.ª classe, nível B, de alunos da 12.ª classe, nível C, de alunos de 1.º ano da Universidade, e nível D, de alunos do 3.º ano da Universidade.

Relativamente a línguas primeiras dos informantes, refira-se que, neste território, o Português é adquirido em contextos em que convive com outras línguas da família bantu, que são geralmente nativas, o que propicia que os falantes exibam, em muitos casos, dois sistemas linguísticos simultaneamente: o português e uma língua bantu. A tabela 1 que se segue, extraída em Wache(2023), ilustra a distribuição das línguas primeiras faladas pelos informantes.

⁷ Trata-se do *corpus* de Wache (2023), concebido no âmbito da sua tese de Doutoramento, disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/83584>.

Tabela 1 primeiras línguas dos informantes

Escolaridade	L.	%	L. bantu e	%	L.	%
	bantu		port.		port.	
A	23	19,1%	88	73,3%	9	7,5%
B	16	13,3%	92	76,6%	12	10%
C	39	32,5%	35	29,1%	46	38,3%
D	79	65,8%	16	13,3%	25	20,8%

Fonte: Wache (2023)

De uma forma geral, nota-se que os informantes, na sua maioria, dominam simultaneamente dois sistemas linguísticos, nomeadamente o Português e uma língua de origem bantu falada em Moçambique (cf. Nível A, B). Segundo os informantes, o Português é geralmente usado em contextos escolares e burocráticos e as línguas da família bantu são usadas em contextos familiares e menos formais. Este facto levou-nos a pensar que há, nestes informantes, sinais de emergência de diglossia, uma vez que os dois sistemas não são usados em mesmos contextos.

Na recolha de dados dos alunos da 8.^a e das 12.^a classes, Wache (2023) pediu aos informantes que produzissem composições escritas, as quais deviam ter entre 150 e 350 palavras, na sala de aulas. Foram recolhidos destes informantes 480 textos escritos, sendo que, no que diz respeito aos de Nível A, B e parte dos do Nível C a recolha ocorreu nas respectivas escolas e na Universidade Púnguè. Já os textos da outra parte dos informantes do Nível C e do Nível D foram recolhidos na cátedra do Português Língua Segunda, dirigida por Perpétua Gonçalves. Cada grupo forneceu um conjunto de 120 textos. Para além de produção textual, aos informantes foi-lhes fornecido uma ficha que visava captar os dados sociolinguísticos.

Apresentação, análise e discussão dos dados

Entradas globais

Foram atestadas 112 ocorrências de construções RR com pronome clítico, das quais 20 (17.8%) ocorrem com perífrase verbal (cf. 18a) e as restantes 92 (82.1%) estão alojadas em estruturas com um verbo (cf. 18b),

(18)

- a. A minha infância remonta de 1980 ano em | que | *me* vi nascer
- b. o motivo | que | levou-*me*

A tabela 2, que se segue, ilustra a distribuição das entradas dos clíticos pronominais em RR com um verbo e em estruturas com perífrase verbal:

Tabela 2 Entradas gerais de clíticos em RR

Escolaridade	com um verbo		perífrase verbal		TOTAL
	n	%	n	%	
A	9	7.1	2	1.7	11
B	13	11.6	2	1.7	15
C	32	28.5	6	5.3	38
D	38	33.9	10	8.9	48
TOTAL	92	82.1	20	17.8	112

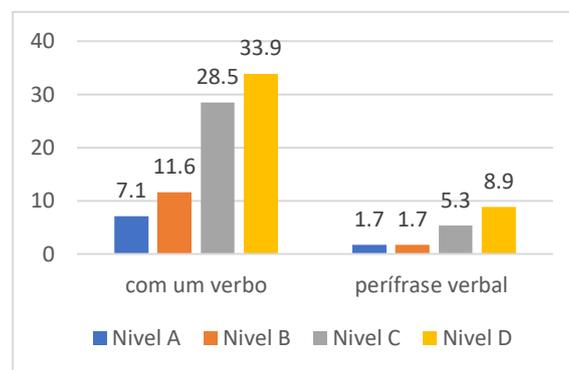
Fonte: autor

A tabela 2 ilustra que a frequência de entradas de clíticos pronominais em RR aumenta à medida que o nível de escolaridade aumenta. A menor frequência de entradas registou-se no nível A quer em RR com perífrase verbal (1.7%) quer em construções com um verbo (7.1%) e a maior deu-se no nível D quer em RR com perífrase verbal (8.9%) quer em construções com um verbo (33.9%). O gráfico que se segue ilustra da melhor forma esta distribuição:

Gráfico1_ entradas de clíticos em RR

Fonte: autor

Neste gráfico, informantes alojaram pronominais em RR com perífrase verbal,



nota-se que os mais os clíticos com um verbo do que RR em todos os níveis.

A colocação de clíticos pronominais em RR com um verbo

As construções RR que são objeto de estudo nesta parte são como as que se seguem em (19).

(19)

a. são gerações | que | se perdem

b. devido a um apagão | que | registou-se a nível de toda zona norte

A tabela 3 que se segue, ilustra a distribuição de clíticos na posição proclítica e enclítica nestes informantes, em estruturas com um verbo:

Tabela 3: colocação de clíticos pronominais estruturas simples

Escolaridade	próclise		ênclise		TOTAL	
	n	%	n	%		
A	9	8	0	0	9	8
B	11	9.8	2	1.7	13	11.6
C	32	27.6	0	0	32	28.5
D	34	30.3	4	3.5	38	33.9
TOTAL	86	76.7	6	5.3	92	82.1

Fonte: autor

A tabela 3 ilustra que as entradas foram evoluindo à medida que o nível de escolaridade foi aumentando. A menor frequência de entradas deu-se no nível A (8%) e a maior no nível D, (33.9%). Neste tipo de frases, nota-se claramente que a próclise, como é de se esperar, é a posição de colocação de clíticos predominante, com (76.6%) de frequência contra (5.3%) da frequência da ênclise, a qual, em estruturas de relativização é, em princípio, estranha ao PE. Como se pode facilmente notar, podemos afirmar que estes informantes conservam as regras de colocação pronominal neste tipo de construções. Passamos, a seguir, a analisar como foram sendo colocados os clíticos pronominais na posição proclítica e enclítica, pelos informantes.

A próclise em RR com um verbo

Nesta subseção, vamos procurar analisar os contextos em que ocorreu a próclise em RR. Recorde-se que, em construções de relativização, a gramática luso-brasileira recomenda que a próclise seja o padrão de colocação de clíticos pronominais em RR com um verbo. Atente-se às construções que se seguem, em (20):

(20)

- a. E O conselho | que | *ti* dou
- b. são gerações | que | *se* perdem
- c. as constantes mortes | que | *se* verificam
- d. características | que | *lhe* possibilitam o uso da língua
- e. a situação | que | *se* vivia no aparelho
- f. o casamento, | onde | os noivos *se* conheciam
- g. o aborto acarreta custos elevados de | quem | *o* pratica

como se pode notar, em todas as construções em (20), o pronome clítico está alojado na posição proclítica, tal como prevê o PE, nestas circunstâncias. Os morfemas “Qu” que ocorrem nestas construções são *que* (cf. 20 a, b, c, d, e), *quem* (cf.20g) e *onde* (cf.20f).

Este facto contrasta, de certa forma, os resultados avançados por Mapasse (2005), Gonçalves (1996), Wache (2018) e César (2014), segundo os quais, em construções de subordinação, incluindo em construções de relativização, os falantes do PM colocam os clíticos pronominais preferencialmente na posição enclítica.

A ênclise em RR com um verbo

Procuraremos, agora, analisar as circunstâncias em que se dá a ênclise em construções RR, nas quais, por via de regra, em construções com um único verbo, a próclise, no PE, é tida como sendo legítima. A frequência deste tipo de colocação no presente corpus não é significativa, pois é apenas de (5.3%). Atente-se às construções que seguem em (21):

(21)

- a. um apagão | *que* | registou-se a nível de toda zona norte
- b. existem atitudes | *que* | levam-nos a não terem cuidados
- c. disciplina de Português, | *cujas* | deram-se lugar na turma

Nas construções em (21), o clítico pronominal alojou-se na posição enclítica, em contextos que não são totalmente estranhos ao PE. Esta colocação, mais uma vez, não é um fenómeno exclusivo do PM. Ribeiro (2010) explica quer no PB quer no PE, atesta-se a ênclise em construções com proclisadores, incluindo em estrutura de relativização.

Vigário e Frota (1998) explicam a ocorrência da ênclise em construções com proclisadores recorrendo a questões prosódicas. Lopes (2010), fazendo referência às autoras, explica que a ênclise ocorre sempre que houver um elemento pesado, ou uma expressão parentética, ou um tópico, entre o proclisador e o pronome clítico. O que esses elementos têm em comum é que eles formam um sintagma entoacional, o que se configura como uma fronteira entre o clítico e o proclisador. Ora, como se depreende, nestes informantes, a ênclise ocorre em situações em que não se observam as condições propostas por estes autores.

A hipótese que levantamos neste artigo, em face dos fenômenos descritos em (21), que possa explicar a ocorrência da ênclise naquele contexto, é a de que existe uma outra regra que governa a colocação de clíticos em construções RR, para além da descrita por Vigário e Frota (1998). Apesar de a amostra deste tipo de construções ser pequena, estes dados revelam que a ênclise, em construções de RR, ocorre, sempre, que o constituinte relativo desempenha a função de sujeito frásico.

Resumindo, há registo de ocorrência de ênclise em construções de subordinação, incluindo em RR, em todas as variedades do Português quer diacrónica quer sincronicamente, sem que por essa via constitua uma regra, uma vez que a sua ocorrência é sempre bastante insignificante e condicionada. No Português antigo, (cf. Martins 1994), Ribeiro (1995), (2010)), nas variedades do PE e PB, foram atestadas entradas de ênclise em construções de subordinação. No Português contemporâneo, o fenómeno regista-se, para além do PM, no PE, PB⁸ e no PA⁹. Em todos esses casos, a ocorrência de ênclise, neste tipo de construções, continua a ser bastante fraca em relação à próclise.

A colocação de clíticos pronominais em RR com perífrase verbal

Nesta secção, trataremos de clíticos pronominais em RR com perífrase verbal. São construções frásicas como as que se seguem em (22):

(22)

- a. um assunto | que | vem *se* alastrando desde do tempo colonial
- b. O Esforço | que | *se* tem feito anivel do governo
- c. para aquele | que | sabe aproveita-*las*

O clítico pronominal, em (22a), está alojado numa posição designada duvidosa em (Mapasse, 2005), Wache (2018), Gonçalves (1996) e César (2014), pois, naquelas circunstâncias, o clítico não está alojado nem na posição proclítica, nem na posição enclítica, como se era de esperar.

⁸ Cf. Pagotto (1993)

⁹ Cf. Mutali (2019)

Em (22b), o clítico pronominal está alojado na posição proclítica ao complexo verbal e em (22c), o clítico está alojado na posição enclítica ao complexo verbal.

A tabela 4 ilustra a distribuição das entradas dos clíticos pronominais em RR com perífrase verbal:

Tabela 4 colocação de clíticos pronominais em RR perífrase verbal

Escolari dade	Casos duvidosos		Ênclise		Próclise a perífrase verbal		TOTAL
	n	%	n	%	n	%	
A	1	0.8	1	0.8	0	0	2
B	2	1.7	0	0	0	0	2
C	1	0.8	1	0.8	4	3.5	6
D	4	3.5	0	0	6	5.3	10
TOTAL	8	7.1	2	1.7	10	8.9	20

Fonte: autor

A tabela ilustra 4 ilustra que os informantes do nível A e nível B não construíram frases em que o clítico se alojou na posição proclítica ao complexo verbal. Tal colocação ocorre tardiamente sobretudo com informantes do nível C e D. Todos os informantes construíram frases em que alojaram o clítico pronominal na posição duvidosa.

Estes dados revelam que a escola desempenha um papel fundamental na aquisição da próclise em RR com perífrase verbal, uma vez que este tipo de colocação apenas ocorre com informantes com a formação superior.

A próclise ao complexo verbal

Sabe-se que, por via de regra, em construções de subordinação, o clítico pronominal ocorre na posição proclítica ao complexo verbal, embora esta regra não seja rígida, por haver condições que permitem igualmente que ocorra a ênclise. Barbosa (2011:49) explica que “este fenómeno de variação entre a ênclise e a próclise na presença de elementos “proclisadores” sempre existiu na língua portuguesa”.

As construções RR que se seguem em (23) ilustram como os informantes colocaram os clíticos na posição proclítica ao complexo verbal:

(23)

- a. um certificado do nível superior | que | *lhe* vai dar emprego
- b. O Esforço | que | *se* tem feito a nível do governo
- c. armas brancas pelos malfeitores | que | *se* fazem sentir na calada da noite.
- d. A minha infância remonta de 1980 ano em | que | *me* vi nascer
- e. vestígios deixados pela guerra civil | que | *se* fez sentir.
- f. explicou o hotel em | que | *se* havia alojado.
- g. estipular uma taxa | que | *se* deve pagar no muscício

Todas as construções em (23) são acolhidas pela norma do PE, não havendo, por isso, diferenças assinaláveis entre a variedade do PM e a do PE. O proclisador, neste tipo de construções, é exclusivamente o morfema *que* relativo.

Em nosso entender, o clítico, nestas circunstâncias, aloja-se no verbo auxiliar / semiauxiliar / causativo. Em estruturas em que o segundo verbo é intransitivo, parece-nos que é mais evidente a possibilidade de o auxiliar ser o principal hospedeiro de clíticos pronominais na posição proclítica ao complexo verbal, (cf. 23d):

Embora não tenha ocorrido em número considerável, a próclise ocorre igualmente em contextos em que o verbo auxiliar não é modal e o verbo pleno é de três lugares, cf. (23a). Neste caso, o clítico aloja-se no verbo principal e passa pelo fenómeno de subida do clítico. Ocorre igualmente a próclise em locuções verbais compostas por um verbo auxiliar modal e um verbo principal no infinitivo, cf.(23g).

Os casos duvidosos em RR

Como dissemos, os informantes, para além de alojar os clíticos pronominais na posição proclítica e na enclítica em RR, colocaram-nos igualmente numa posição proclítica ao verbo principal. Estudos anteriores (cf. Mapasse (2005), Wache (2018), César (2014)) sugerem que esta colocação deva ser designada duvidosa, uma vez que não há certeza de que o clítico está alojado na posição proclítica ao verbo auxiliar ou proclítica ao verbo principal. Seguiremos, então, esta terminologia, neste artigo. As construções que se seguem ilustram esse fenómeno:

(24)

- a. a recomendação | que | vou *te* dar a respeito da tua conduta
- b. uma gramática | que | irá *se* instalar por volta dos 6 anos

c. um assunto | que | vem *se* alastrando desde do tempo colonial para cá.

d. a minha família | que | venha *me* visitar

Em (24) percebe-se que os informantes não alojam o pronome clítico nem na posição proclítica a perífrase verbal nem enclítica ao verbo auxiliar e nem enclítica ao verbo pleno.

Uma das características deste tipo de construções é a de que o auxiliar é sempre um verbo que, por via de regra, não ocorre com um argumento interno.

Assim, quer pela frequência e pela consistência da sua ocorrência, quer ainda pelo facto de estar a ocorrer em outras variedades do Português (cf. Pagotto (1993), para o PB e Mutali (2019), para o PA)), a colocação dos clíticos na posição duvidosa, em RR com perífrase verbal, no Português, mostra-se ser uma regra suficientemente robusta que se configura interiorizada nos falantes. Este fenómeno conduz-nos a levantar a hipótese de que a próclise ao complexo verbal em RR, tida como regra, provavelmente não seja, por si, natural neste tipo de construções, mas uma regra aprendida na escola, sobretudo em composições escritas.

A ênclise em RR em complexo verbal

Nesta seção, procuramos analisar a colocação de clíticos pronominais na posição enclítica nas construções RR, contendo complexo verbal, como as que exibem em (25):

(25)

a. As férias são muito divertidas para aquele | que | sabe aproveita-*las*,

b. É ela | quem | deve acompanhá-*los*

Não houve um número considerável de entradas em RR em que o pronome clítico se alojou na posição enclítica ao verbo principal. A gramática luso-brasileira reconhece que neste tipo de construções em que o verbo principal está no infinitivo, mesmo que haja proclisadores, geralmente ocorre ênclise. Estamos, assim, a afirmar que os nossos informantes, neste tipo de construções, igualmente não fogem à regra geral de colocação deste tipo de pronomes. Portanto, a ênclise, em RR, em perífrases verbais, ocorre em condições convergentes ao PE.

Conclusão

Procurámos, neste artigo, explorar o comportamento dos clíticos pronominais em construções relativas restritivas num corpus de Português escrito em Moçambique. Concluímos que, apesar de haver estudos que mostram que a ênclise é a posição preferida pelos moçambicanos em construções relativas, neste estudo, não atestamos construções que possam sustentar essa tese. Pelo contrário, os nossos dados evidenciam que a próclise, tal como acontece no PE, neste tipo de construções, continua a ser o padrão-predominante.

Concluímos ainda que a colocação dos clíticos na posição duvidosa em RR com perífrase verbal, no PM, é uma regra suficientemente robusta que se configura interiorizada nos falantes. Assim, a próclise em relação ao complexo verbal em RR provavelmente não seja, por si, natural neste tipo de construções, mas uma regra aprendida na escola, sobretudo em composições escritas.

Concluímos igualmente que ocorre a ênclise em RR, em estruturas com um só verbo, em contextos que não são totalmente estranhos ao PE. Há registo de ocorrências de ênclise em construções de subordinação, incluindo em RR, em todas as variedades do Português quer diacrónica quer sincronicamente, sem que, por essa via, constitua uma regra, uma vez que a sua ocorrência é sempre bastante insignificante e condicionada.

Um estudo interessante e complementar deveria ser feito em orações relativas explicativas, a fim de se ter uma noção completa sobre a colocação de clíticos pronominais em construções relativas nesta variedade do Português.

Referências

- BARBOSA, P. *A colocação dos pronomes átonos em orações infinitivas no português europeu*. Braga: Diacrítica, 2011.
- BENINCÀ, P. Complement clitics in medieval romance: the Tobler-Mussafia law. In: BATTYE, A.; ROBERTS, I. (ed.). *Clause structure and language change*. New York: Oxford, 1995.
- BRITO, A. M.; DUARTE, I. As construções relativas e construções aparentadas. In: MATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003. p. 665-776.
- BRITO, A. M.; DUARTE, I.; MATOS, G. Estrutura da frase simples e tipos de frase. In: MATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

CÉSAR, G. E. *O uso de pronomes clíticos em textos de ensino secundário e universitário em Nampula*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Aveiro, 2014.

FARIA, I. H. et al. *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996.

GONÇALVES, P. *Português de Moçambique: uma variedade em formação*. Maputo: Livraria Universitária e Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane, 1996a.

GONÇALVES, P. Aspectos da sintaxe do português de Moçambique. In: FARIA, I.; PEDRO, F.; DUARTE, I.; GOUVEIA, C. (Orgs.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1996b. p. 313-322.

LOPES, A. L. A. *A ênclise em orações dependentes na história do português europeu*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MAPASSE, E. *Clíticos pronominais em português de Moçambique*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, 2005.

MARTINS, A. M. *História dos clíticos no português*. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MEDEIROS, C. S. A. *A ordem de palavras no português medieval*. Tese (Doutorado) – Campinas, 2018.

MUTALI, H. S. *Colocação de pronomes clíticos no português angolano escrito*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, 2019.

PAGOTTO, E. *Clíticos, mudança e seleção natural*. In: ROBERTS, I.; KATO, M. K. (Orgs.). [S.l.: s.n.], 1993.

RAPOSO, E. P. et al. (Orgs.). *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

RIBEIRO, I. *A sintaxe do português arcaico: o efeito V2*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

RIBEIRO, I. *Sobre os usos da ênclise nas estruturas subordinadas no português arcaico*. Estudos da Linguagem, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 15-40, 2010.

ROBERTS, I.; KATO, M. K. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrónica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

VIGÁRIO, M.; FROTA, S. *Between syntax and phonology: on phrasal weight effects in European Portuguese*. Paper given at 8th Colloquium on Generative Grammar, Palmela, 1998.

VILELA, M. *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed. Coimbra: Almedina, 1999.

WACHE, F. M. *O português em (de) Moçambique: áreas de ruptura*. 1. ed. Tete: Desig Real, 2018.

WACHE, F. M. A. *As construções de relativização no português de Moçambique*. Tese (Doutorado) – Universidade de Minho, 2023

Pronominal clitics in restrictive relative constructions in written portuguese in Mozambique

ABSTRACT:

Based on the findings of Gonçalves (1996), Mapasse (2005), César (2014) and Wache (2018), who state that, in Mozambican Portuguese (PM), there is a tendency, in relativization constructions, for the accommodation of pronominal clitics in the enclitic position, this article seeks to explore the contexts of the occurrence of proclisis and enclisis in restrictive relative constructions (RR) in PM. The corpus of Wache (2023) was used, which consists of 815 relative phrases, of which 112 occur with clitic pronouns. The analysis of quantitative data was carried out with the help of an Excel spreadsheet that contained independent linguistic and extralinguistic variables. The results reveal that both in RRs that occur with a verb and in those that occur with verbal periphrasis, proclisis is predominant in PM, which demonstrates the conservation of cultured European Portuguese (EP) in this type of phrases. Enclisis in RR in PM is not entirely foreign to PE, since it occurs in similar contexts. The data in our possession indicate that there is no plausible evidence that demonstrates that enclisis in RR tends to be the standard in this developing variety.

KEYWORDS: Proclisis and Enclisis; Restrictive Relative Clauses; PM.

Recebido em: 30 de janeiro de 2025.

Aceito em: 04 de março de 2025.